

O professor existe, persiste ou apenas assiste?

Escrito por Claudio Zarate Sanavria
Qua, 13 de Abril de 2011 00:00

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - IFMS

“Ninguém é professor sozinho, isolado” (NÓVOA,2003).

É comum se ouvir em uma roda de professores questionamentos e reclamações acerca da profissão, suas agruras, desafios e condições, principalmente na escola pública. Independente das categorias de ensino – particular ou público – o que se percebe é que o professor passa atualmente por uma crise de identidade. Pode-se dizer que esta não é uma questão atual, porém ainda é contundente e desafiadora.

Historicamente a docência sofreu mudanças, juntamente com toda a sociedade. É importante salientar que o professor é fruto dessa sociedade, como afirma Pinto (1984), defendendo que quem educa o educador é a sociedade. A partir dessa afirmação, é fácil deduzir que toda a evolução da sociedade implica em mudanças substanciais no papel do professor. Sua prática, segundo Bello (2000), reflete a cultura e o contexto social do professor e é influenciada pelo modo como ele pensa e age.

O professor se vê num momento em que sua profissão passa por profundas alterações, diante de uma escola voltada para o caráter empresarial, cujo objetivo primordial é a formação para o trabalho, numa sociedade hoje denominada sociedade da informação, direcionando o professor a uma certa obsolescência no que tange a exclusividade da palavra como recurso, como aponta Cunha (1999). Entretanto, seria o domínio tecnológico o único meio do professor se profissionalizar?

Não se pretende aqui transformar a evolução das tecnologias da informação no grande vilão da história. Porém, o tratamento que se deu a mesma, em parte, diminuiu a importância da escola para os olhos da sociedade, que não consegue identificar o caráter de formação para a cidadania dentro do papel da escola e alimenta expectativas sobre o trabalho do professor que o levam a uma situação de extrema tensão. Como mencionado por Fiorentini (2001), do professor é esperada uma postura de animador, pedagogo, psicólogo, com atribuições que vão muito além do ensino.

A escola não evoluiu no mesmo ritmo que a sociedade. O ensino ainda está muito distante das necessidades reais do indivíduo. O professor se vê numa situação onde é responsabilizado pelo fracasso escolar, porém não tem autonomia para desenvolver o seu trabalho. Sequer pode opinar sobre o conteúdo que ministra. Como Cunha (1999) afirma, existe uma separação entre quem decide e quem executa, o que também é observado por Giroux (1997) ao apontar a existência de uma abordagem tecnocrata para a preparação dos professores, onde os mesmos aprendem apenas metodologias que negam a necessidade de um pensamento crítico. É a chamada proletarização do trabalho docente.

O professor existe, persiste ou apenas assiste?

Escrito por Claudio Zarate Sanavria
Qua, 13 de Abril de 2011 00:00

Bello (2000) defende que a falta de autonomia sobre o currículo é fruto das implicações sociais e históricas e Fiorentini (2001) chama de controle externo os mecanismos que predeterminam as orientações do trabalho do professor. A estas afirmações soma-se o fato de que, dentro da perspectiva neoliberal, o controle a alienação são prioridades para o Estado. Um dos questionamentos consiste em identificar até que ponto o professor têm consciência do seu papel. E se a tem, como se adaptar ao contexto no qual está inserido.

Nóvoa (2003) afirma que “ser professor é o mais impossível e o mais necessário de todos os ofícios”. Neste aspecto pode-se dizer que o *professor existe*. Porém essa existência implica num esforço diário de reflexão e de partilha. O professor, segundo o autor, deve ultrapassar as barreiras do individualismo, também apontado por Cunha (1999) ao dizer que a intensificação do trabalho constitui um fator de isolamento, tirando o docente do convívio coletivo e gerando a falsa idéia de que a autonomia significa um isolamento individual.

A chamada tradição escolar muitas vezes tolhe o professor naquilo que possui de inovador em sua prática. Fatores como as diversas tensões apresentadas por Fiorentini (2001) contribuem em muitos casos para uma situação de acomodação, onde o professor assume uma postura de neutralidade no processo de ensino. Neutralidade que, segundo Giroux (1997), não cabe à escola e muito menos à postura do professor. Ao assumir a postura de ser neutro, o *professor apenas assiste*

Fiorentini (2001) destaca que, “mesmo sob tensões permanentes, os professores lutam para o desenvolvimento de um trabalho digno e pela conquista de dignidade profissional”. Neste aspecto, o *professor persiste*. É a partir daí que se dá o desenvolvimento profissional do docente. No momento em que o professor assume uma postura de intelectual, capaz de não apenas executar planos, mas de opinar e transformar aquilo que ele transmite aos seus alunos.

Não é fácil levar o professor a construir sua identidade. A história mostra que muitas vezes o eu trabalho passou por mudanças severas. De uma visão religiosa a uma perspectiva operária, seu prestígio social passou por altos e baixos. O título deste texto busca suscitar a curiosidade sobre a postura atual do professor. Na realidade o professor deve *existir, persistir e assistir*. Porém este último não no sentido de contemplar o ensino como expectador, mas no de contribuir no processo de desenvolvimento social do meio ao qual está inserido.

Referências:

BELLO, Isabel Melero. A Profissão docente no Brasil: profissionalidade e história da formação de professores. In: BELLO, Isabel Melero. **Formação, profissionalidade e prática docente: relato de vida de professores**. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2000. p. 45-63.

CUNHA, Maria Isabel da. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. In: CUNHA, Maria Isabel da e VEIGA, Ilma Passos A.. **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas-SP: Papyrus, 1999. p.

O professor existe, persiste ou apenas assiste?

Escrito por Claudio Zarate Sanavria
Qua, 13 de Abril de 2011 00:00

127-147.

FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete. (Orgs). **Cartografias do trabalho docente: proferssor(a)-pesquisador(a)** . Campinas SP: Mercado de Letras, 2001. p. 73-104.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem** . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NÓVOA, António. **Entrevista**. Revista Pátio, v. VII, n. 27, p. 25-28, ago./out. 2003.

PINTO, Álvaro Vieira. **Quem educa o educador?** In: PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo: Cortez, 1984, p.107-118.